



## HÁ SEPARAÇÃO ENTRE LÍNGUA E DISCURSO?

Élcio Aloisio FRAGOSO<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo procura mostrar a relação constitutiva entre língua e exterioridade, analisando especificamente a materialidade linguístico-histórica do discurso literário. Nosso objetivo é descrever o funcionamento do discurso literário, relacionando suas marcas e propriedades às condições de produção deste discurso, para que se compreenda os processos de significação aí inscritos. Partimos do princípio de que o discurso literário tem uma forma material que é histórica (relação língua-exterioridade) e seu funcionamento deve ser descrito, referindo-se a esta relação entre língua e história para a compreensão do processo de produção de sentidos. A nossa questão é compreender como os sentidos são produzidos e sustentados, observando a materialidade linguístico-histórica das discursividades literárias. Dessa forma, cada estilo literário constitui-se em uma discursividade, com um funcionamento próprio. A língua se constrói diferentemente em cada estilo literário, pois cada estilo tem uma espessura histórica (constrói-se de um modo específico), textualizando-se de uma forma singular. No caso da literatura, é interessante observar como os discursos se textualizam, em outras palavras, como os estilos literários se materializam, produzindo efeitos sobre a língua, transformando-a, modificando-a.

**Palavras-chave:** Língua. Literatura. Análise de Discurso. Estilo literário. Historicidade.

### ABSTRACT

This article seeks show the relationship between the language and its exteriority constitutive, analyzing specifically the linguistic-historical materiality of literary discourse. Our objective is to describe the functioning of literary discourse, relating its marks and properties to conditions of production of this discourse to the understanding of processes of meaning there inscribed. Our initial hypothesis is that the literary discourse has a material form (materiality) that it is historical (relationship between language and exteriority) and their functioning should be described, in referring to this relation between language and history for the understanding of production process of meaning. Our main issue is to understand how meaning is produced and supported, observing the linguistic-historical materiality of literary discursivities. Thus, each literary style constitutes in a discourse, with a specific functioning. The language it constructs from particular way in each literary style, because each style has his own materiality (it constructs from a specific way), textualizing it of a singular form. In the case of literature, it is interesting to observe how the discourses it textualize, in others words how the literary styles it materialize, producing effects on the language, transforming it, modifying it.

**Keywords:** Language. Literature. Discourse analysis. Literary style. Historicity.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo busca descrever a relação entre língua e literatura de uma perspectiva discursiva, contribuindo assim para uma reflexão acerca destes dois objetos, no âmbito do ensino e para uma reflexão acerca de questões relativas à leitura,

---

<sup>1</sup> UNIR – Fundação Universidade Federal de Rondônia. Núcleo de Ciências Humanas. Departamento de Línguas Vernáculas. Porto Velho – RO – Brasil. 76801-059 – e-mail: elciofragoso@unir.br



interpretação, enquanto gestos inerentes à língua e à literatura. Primeiramente, é necessário delimitar com qual concepção de linguagem, de língua e de literatura trabalharemos neste artigo, bem como apresentar um breve histórico do referencial teórico a que nos filiaremos em nossas reflexões.

Não será nossa primeira vez que proporemos uma reflexão acerca da articulação entre a língua e a literatura pelo viés da teoria do discurso, pois já fizemos isso em nossa dissertação de mestrado (defendida em 2001), em que nosso recorte, o estilo romântico, na primeira metade do século XIX, serviu-nos de materialidade linguístico-histórica para analisarmos a relação constitutiva de uma escrita (língua) e de uma escritura (literatura) enquanto manifestações específicas que davam a representatividade de um Estado, de um sujeito que se constituíam sob o efeito de um nacionalismo, de uma brasilidade. O estilo romântico, para nós, constituiu-se em um processo discursivo em que vemos a construção de efeitos de sentidos nacionais para a língua, para o sujeito, para o Estado brasileiro. Nesse estudo, articulamos a metodologia da História das Ideias Linguísticas no Brasil ao campo da Análise de Discurso de linha francesa (FRAGOSO, 2001).

O presente artigo faz um outro recorte, evidentemente, pois será nosso objetivo aqui trabalhar a articulação entre língua e literatura, pensando um quadro mais geral de questões, isto é, nos deteremos em analisar a relação específica entre língua e literatura, no quadro de uma formação social, promovendo uma releitura materialista de ambas.

Nossas próprias questões só são possíveis dentro de um determinado referencial teórico, isto é, as perguntas que fazemos já marcam a nossa posição teórica. A natureza das questões aqui propostas já adianta a nossa filiação teórica. Pois é dela que falaremos a seguir.

## **ANÁLISE DE DISCURSO DE LINHA FRANCESA**

Um trabalho científico, necessariamente, reivindica uma filiação teórica para que seus objetivos sejam cumpridos, relativamente às injunções e ao funcionamento próprio deste discurso: o científico. Se entendemos que é o ponto de vista que define o objeto,



como já dizia Saussure, então, uma teoria deverá ser mobilizada, enquanto um dispositivo teórico-metodológico, para iluminar os caminhos da análise.

No caso deste artigo, os trabalhos iniciados por Michel Pêcheux e seus colaboradores, na França, na década de 60, do século passado, e os desdobramentos dos trabalhos deste autor no Brasil, pela professora Eni Orlandi, na década de 80 deste mesmo século, constituem nosso referencial teórico, no que temos chamado de Análise de discurso de origem francesa, perspectiva teórica esta que propõe “uma forma de reflexão sobre a linguagem que aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito” (ORLANDI, 2002: 07).

Na sequência, apresentaremos, mais especificamente, essa corrente teórica da Análise de Discurso, fundada por Michel Pêcheux.

Como já dissemos, o quadro teórico a que nos filiamos em nossas reflexões acerca da linguagem denomina-se Análise de Discurso, tal qual foi elaborado por Michel Pêcheux e seus colaboradores Michel Plon e Paul Henry, na década de 60, do século XX. A construção desse quadro referencial teórico da Análise de Discurso de linha francesa está sustentada em três bases teóricas, das quais Michel Pêcheux realiza uma releitura e institui um lugar próprio para a disciplina da Análise de Discurso. Essas três regiões de conhecimento de que falamos acima são: a teoria linguística, a teoria materialista histórico-dialética das formações sociais e suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias e a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Michel Pêcheux, com seus trabalhos, na verdade, estava construindo um dispositivo teórico-analítico que desse conta de seu objeto específico de estudo: o discurso. Segundo Indursky (1997), este autor vê a necessidade de criar um corpo teórico-analítico que vise considerar a materialidade discursiva como objeto próprio.

Portanto, a Análise de discurso, proposta por Michel Pêcheux, formula um conjunto de proposições teórico-analíticas, a partir da articulação dessas três regiões do conhecimento científico.

Retomaremos Indursky (1997) para encerrar esta parte do trabalho e reforçar que é nesta vertente teórica que se inscreve o presente artigo:



Desse modo, para constituir-se, a AD inscreve-se em um campo epistemológico interdisciplinar, o que faz com que sua relação com estes campos de conhecimento seja sempre crítica: do Marxismo, interessa-lhe saber como se dá o encontro o ideológico com o linguístico; da linguística, procura descrever os funcionamentos responsáveis pela produção de efeitos de sentido, considerando a língua como processo; na enunciação, vai procurar o sujeito, mas interessa-se por um sujeito dotado de simbólico e de imaginário, cujo discurso mostra as condições de produção (INDURSKY, 1997, p. 30, 31).

É preciso ressaltar também que essas três regiões de conhecimento estão articuladas/atravessadas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica. Enfim, é este o quadro teórico construído por Michel Pêcheux para se pensar o objeto discursivo.

### **A LÍNGUA É RELATIVAMENTE AUTÔNOMA?**

Evidentemente, que encontraremos muitas definições para estes objetos (língua e literatura), pois sabemos que a definição de um termo dependerá do ponto de vista adotado pelo pesquisador, ou seja, a definição de um termo dependerá da filiação teórica adotada pelo pesquisador. Desse modo, encontraremos muitas definições para língua, mas interessa aqui explicitar a definição que daremos para língua dentro do quadro teórico-metodológico a que nos filiamos: a Análise de Discurso de linha francesa.

Partindo da afirmação de Milner (1987:06) de que “tudo não se diz, pois há um impossível próprio da língua”, encontrada em seu livro *O amor da língua* (1987), defenderemos neste artigo, de acordo com este autor, a ideia de que no real da língua, há lugar para o “impossível”, para o equívoco, para a elipse, para a falta, enfim, há lugar para a deriva (FERREIRA, 2000).

De nossa parte, acrescentamos também, conforme Pêcheux e Gadet (2004), que ao lado do real da língua devemos considerar o real da história. Interessante notar como



estes dois autores se deslocam do conceito de língua elaborado por Milner, inserindo o materialismo histórico. (PÊCHEUX e GADET, 2004, 52)

Encontraremos em GADET e PÊCHEUX (2004), a seguinte formulação a respeito dessa noção do “real da língua”:

Toda língua é afetada por uma divisão (figurada pela distinção entre o correto e o incorreto), que se sustenta pela existência de um impossível, inscrito na ordem própria da língua (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 32).

Para estes dois autores, “o ‘real’ da língua é, portanto, o impossível que lhe é próprio”. (idem, 52).

Para a Análise de Discurso, a língua é compreendida como ordem significativa, capaz de equívoco, de falhas, deslizes e tem uma relação com a ideologia à medida que materializa e regula os sentidos dentro de uma determinação histórica.

De acordo com Ferreira, “importa ressaltar, de fato, que a Análise de Discurso não trabalha com a língua da Linguística, a língua da transparência, da autonomia, da imanência. A língua do analista de discurso é outra. É a língua da ordem material, da opacidade, da possibilidade do equívoco como fato estruturante, da marca da historicidade inscrita na língua. É a língua da indefinição do direito e avesso, do dentro e fora, da presença e ausência” (FERREIRA, 2003, p. 42).

De uma forma bem direta, podemos assim definir a língua, como a base comum para a realização dos processos discursivos diferenciados (ORLANDI, 1998). A língua é constituída de uma base significativa que significa mesmo quando remetida a uma exterioridade que é determinante do efeito de sentido que será produzido. Dessa relação entre a língua, base comum, e a exterioridade resulta a materialidade linguístico-histórica. A língua é para Pêcheux (1975: 243) lugar material onde se realizam os efeitos de sentidos.

É com esta noção de língua que trabalharemos neste artigo. A seguir, esclareceremos de onde a Análise de Discurso retoma esta noção de língua e quais deslocamentos ela realiza para a definição deste conceito no estabelecimento de seu referencial teórico-metodológico.



Encontramos esta noção de língua esboçada na teoria saussuriana, mas dentro do recorte estabelecido por este autor na constituição da ciência linguística. Vejamos, então, como Ferdinand Saussure define o objeto de estudo da ciência linguística – a língua. Para este autor, a língua é concebida como um sistema (de signos) que possui uma ordem própria, dessa forma ela é sistêmica e objetiva. Queirós (2002) afirma que a divisão entre língua e fala, proposta por Saussure para a constituição do campo científico da Linguística, teve duas grandes consequências: a primeira, a constituição, de fato, do campo científico da Linguística a partir da definição de seu objeto de estudo: a língua. A segunda, foi um abandono por parte da Linguística das questões da fala e do sujeito, na relação com a língua, isto é, da significação. Segundo Pêcheux (1975, apud QUEIRÓS, 2002, p. 174), paralelamente à constituição da Linguística, produziu-se um horizonte teórico que a limita. Isso, para nós, significa afirmar que certas questões não serão desenvolvidas por Saussure, dado o recorte teórico que este autor realizou na definição de seu objeto de estudo: a língua. Trata-se da segunda grande consequência que Queirós (idem) aponta. Para a definição do objeto da teoria do discurso, temos justamente esta questão da significação, como determinante para a descrição/interpretação do discurso. Portanto, para uma teoria materialista, a questão da significação terá um lugar fundamental. A significação, dessa perspectiva (a materialista), não se encontra presa, de forma literal, às palavras, mas é produto de um processo de determinação histórico-social. Segundo Pêcheux (1975):

[...]as palavras, as proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que numa formação ideológica, isto é, a partir de uma posição dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) (PÊCHEUX, [1975]1988, p. 160).

Para a teoria do discurso, o discurso é definido como o ponto de encontro entre a língua e a ideologia e onde faz efeito a noção de um sujeito descentrado, em outras palavras, o discurso deve ser considerado como o lugar de contato entre a língua, a



ideologia e o inconsciente, conforme Queirós (2002, p. 175). Dessa forma, a língua é considerada uma condição para a realização dos processos discursivos. Daí a afirmação de Pêcheux de que o conjunto de estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas constitui a base para a realização dos processos discursivos (PÊCHEUX, 1988, p. 91).

Para a Análise de Discurso, o sistema de língua não é fechado (a língua não é uma estrutura fechada em si mesma, ela está sujeita a falhas), abstrato, ou conforme Michel Pêcheux, a língua não se constitui em uma unidade fechada, não é passível de completude, a língua é afetada pela incompletude, é passível de falhas (PÊCHEUX, 1975).

A noção de língua para a Análise de Discurso compreende uma base sobre a qual os discursos se realizam e produzem sentidos, daí falarmos em funcionamento discursivo para compreendermos os processos de significação.

[...] todo sistema linguístico, enquanto conjunto de estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas, é dotado de uma autonomia relativa que o submete a leis internas, as quais constituem, precisamente, o objeto da Linguística. É, pois, sobre a base dessas leis internas que se desenvolvem os processos discursivos, e não como expressão de um puro pensamento, de uma pura atividade cognitiva etc., que utilizaria "acidentalmente" os sistemas linguísticos (PÊCHEUX, [1975]1988, p. 91).

Mais precisamente, segundo Orlandi (2000, p. 22), "as sistematicidades linguísticas são as condições de base sobre as quais se desenvolvem os processos discursivos. A língua é assim condição de possibilidade do discurso".

Sobre a relação entre língua e discurso, Orlandi afirma:

A nível da língua como sistema (absolutamente) autônomo, o funcionamento só nos permitiria atingir o repetível formal, ou seja, nesse nível só poderíamos explicitar as regularidades que comandam formalmente o funcionamento da linguagem: as sistematicidades sintáticas, morfológicas. Para compreendermos o funcionamento do discurso, isto é, para explicitarmos suas regularidades, é preciso fazer intervir a relação com a exterioridade, ou seja, compreendermos a sua historicidade, pois o repetível a nível do discurso é histórico e não formal (ORLANDI, 1996, p. 28, 29).

Esta afirmação de Orlandi (1996) remete-nos ao que nos diz Pêcheux (1990):



De fato, que relação existe entre os processos discursivos e a língua, do ponto de vista da teoria do discurso? A perspectiva de conjunto é a seguinte: estando os processos discursivos na fonte da produção dos efeitos de sentido, a língua constitui o lugar material onde se realizam estes efeitos de sentido. Esta materialidade específica da língua remete à ideia de funcionamento (no sentido saussuriano), por oposição à ideia de função (PÊCHEUX, [1969] 1990, p. 172).

Para finalizar, queremos ressaltar que a noção de língua mobilizada pela Análise de Discurso leva a sério mesmo a definição dada por Saussure de que a língua é um fato social (ORLANDI, 1999). De nossa perspectiva, a língua não funciona por si mesma, ela não é autônoma, não é um sistema fechado, sendo, portanto, uma estrutura que se atualiza por ser histórica e ideologicamente construída com o acontecimento discursivo. O objeto de estudo da Análise de Discurso é o **discurso** e não a língua, embora o linguístico esteja pressuposto na realização dos processos discursivos, conforme temos ressaltado aqui neste trabalho. Por isso, a necessidade de pensar a língua sempre em relação a sua exterioridade, sem a qual a língua se reduziria a um sistema linguístico por si mesmo, repetível formalmente.

## **LITERATURA: EVIDÊNCIAS SUBJETIVAS?**

Também são muitas as definições que poderíamos dar aqui para o termo literatura. Certamente, muito também já se falou sobre língua e literatura, das mais diversas perspectivas, mas acreditamos que ainda será possível falar destes temas, analisando o funcionamento discursivo deste objeto chamado literatura.

Nos estudos discursivos, a linguagem não é transparente, não tendo, portanto, um sentido literal, único. Mobilizando os conceitos discursivos, compreendemos que o sentido poderá sempre ser outro, que no dito está também o não-dito, o que pode e o que não pode ser dito, mas que pelo funcionamento histórico-ideológico da linguagem, teremos a produção de sentidos evidentes, sob o efeito de uma literalidade (sentido único, *o* sentido), ou sob o efeito de uma plurivocidade de sentidos, como o que





encontramos no espaço literário. Ou seja, estamos nos referindo aos efeitos de sentidos conhecidos por: literal (único) e literário (plural). Neste artigo, pretendemos nos deslocar deste lugar naturalizado/sacralizado da forma de compreender o efeito de sentido literário.

O conceito que adotaremos neste artigo para literatura será elaborado a partir do pressuposto teórico da Análise de Discurso de linha francesa. Dessa perspectiva, temos a dizer que a literatura é uma prática discursiva, sendo, portanto, uma discursividade que tem suas marcas e propriedades<sup>2</sup>. E quando falamos que o discurso literário tem suas marcas e propriedades, estamos afirmando que estas marcas e estas propriedades são constituídas historicamente, não sendo portanto inerentes a este discurso. O que nos interessa aqui é analisar o funcionamento do discurso literário para compreendermos o modo como este discurso produz sentidos, numa dada formação social como a nossa. Portanto, o discurso literário tem o seu lugar que precisa ser melhor definido (e compreendido) dentro de nossa formação social.

A institucionalização do discurso literário constitui um fator para verificarmos sua regularidade e sua força, nas relações de poder, na constituição de sentidos que vão significar de uma certa maneira o social, os sujeitos, o Estado. Os discursos têm uma ordem (FOUCAULT, 1996). Estamos compreendendo aqui o discurso literário, considerando as relações sociais, as relações de força e de poder, numa dada formação social. A discursividade literária tem um funcionamento muito particular na forma de significar e de constituir o social. Ela trabalha o efeito de divisão social de leitura. Este discurso nos interpela a ver o mundo de uma certa maneira, sob um certo viés histórico-ideológico. De maneira que o discurso literário nos dispõe uma certa leitura dos fatos, leitura esta regulada por este discurso e sustentada por uma classe, formada por literatos, responsáveis por esta leitura. Esta leitura literária será reproduzida nas escolas, por meio do ensino, de forma a garantir a manutenção de tal sentido.

---

<sup>2</sup> Estamos empregando os termos marcas e propriedades aqui em nosso artigo da forma como Eni Orlandi (1999) os conceituou. Para esta autora, as marcas referem-se à organização do discurso e as propriedades referem-se ao discurso tomado como um todo em relação à exterioridade, com a situação, que compreende as instituições, o contexto sócio-histórico, a cultura e a ideologia.



Enfim, esta leitura literária tem o seu lugar muito definido em nossa formação social (PÊCHEUX, [1982] 1994). O discurso literário institui certos sentidos para o social, constituindo-se numa memória discursiva de uma nação, de um Estado. Nosso objetivo é compreender o funcionamento do discurso literário, isto é, como ele funciona e sob quais determinações. Em outras palavras, queremos entender como os sentidos se constituem e são instituídos por um certo discurso, no caso, o discurso literário. Pressupomos que para analisar um certo discurso a fim de compreendê-lo, devemos descrever a relação necessária entre a língua e a exterioridade que é constitutiva dela.

Esta relação torna-se visível no discurso, enquanto materialidade linguístico-histórica. As produções literárias, portanto, dessa perspectiva, materializam os efeitos de sentidos determinados por esta relação entre a língua e sua exterioridade constitutiva (a ideologia, a história). Esta materialidade discursiva, que não é apenas linguística, constitui-se na forma material do sentido. Este é o caráter material do sentido para a Análise de Discurso. Esta forma material compreende o jogo sintático, o vocabulário, enfim, todo um mecanismo que é constitutivo de tal discurso e conseqüentemente de seu sentido. Estamos querendo dizer que analisar esta materialidade consiste em observar o jogo sintático, a estrutura morfológica, o traço fonológico, fonético, semântico que dão a visibilidade da forma material deste discurso para apreender o caráter material do sentido. Isso significa dizer que a língua tem um funcionamento ideológico, que se apreende por meio da análise dessa materialidade discursiva, que é histórica.

Os diferentes estilos imprimem diferentes materialidades, pois constituem diferentes processos discursivos, é o que estamos chamando de diferentes discursividades literárias. A forma como cada estilo se constitui, torna os estilos literários discursividades muito específicas. Interessante notar a relação entre o já-dito (a memória do dizer) e o que se vai dizer, em relação aos estilos literários, pois tem-se a impressão de que os estilos literários se repetem, quando na verdade eles se constituem instaurando outros sentidos, rompendo com dizeres e sentidos postos. Dessa forma, podemos dizer que é somente sob o efeito da memória discursiva que um certo discurso pode significar, repetindo os sentidos ou deslocando-os. A memória discursiva então



seria o já-dito que torna possível todo o dizer (PÊCHEUX). No caso da literatura, é interessante notar que cada estilo literário constitui-se em um acontecimento discursivo que imprime sentidos e que funda um espaço de dizer, delimitado no tempo e no espaço. Entretanto, o que devemos compreender é que sentidos são estes que são produzidos por um certo discurso, sob quais determinações eles são produzidos, os silenciamentos produzidos por este discurso, a tensão inerente a todo discurso. Este acontecimento discursivo produzirá certos sentidos que vão significar os sujeitos, a língua, a nação, o Estado. Pela noção de discurso entendemos a prática mesmo de significar o social e, especificamente, na literatura, temos uma prática discursiva que significa nossa relação com o (estar no) mundo, pela linguagem. A discursividade literária tem o funcionamento de trabalhar esse efeito de criação no indivíduo, de inspiração, de despertá-lo para o artístico, para o belo, relativamente à língua. A prática discursiva literária constitui esse sujeito mergulhado numa subjetividade, que a expressa, que a sente, colocando o discurso do sujeito como sendo produzido a partir de uma interioridade intrínseca a ele mesmo. O discurso literário trabalha esses efeitos no sujeito. O subjetivo no discurso literário é inerente ao sujeito, produzindo as evidências de sentimento e de interioridade. Por isso, afirmarmos a força do discurso literário, por meio de sua institucionalização, na construção de uma dada formação social, no que diz respeito à construção da língua, dos sujeitos, do Estado. A análise do discurso literário, pelo viés que estamos propondo, permite-nos compreender todas estas evidências do e para o sujeito, enquanto efeito material do sentido. Ou seja, o discurso produz no sujeito essas evidências, efeito ideológico elementar, de que ele é causa e origem do que diz.

O funcionamento do discurso literário sustenta uma certa leitura de visão de mundo, conforme descrevemos anteriormente, que é constitutiva de uma forma nossa de ver o mundo, com todas as ficções, fantasias, imaginação que se apresentam como sendo inerentes e evidentes a este discurso. Isto é, o discurso literário sustenta um certo imaginário social, com todas as representações que ele constrói e que se apresentam como sendo naturais, apagando-se o trabalho social, ideológico, político produzido por este discurso. Temos com o funcionamento do discurso literário a construção de um imaginário de língua, de sujeitos, de social, de Estado e da própria literatura. De nossa



perspectiva, a discursiva, o funcionamento do discurso literário determina sentidos para o social, para as relações sociais, e os sujeitos constituídos nessas relações, isso é o que estamos chamando de representações imaginárias.

O discurso literário materializa as tensões, os confrontos próprios das lutas de classes, inerentes a toda formação social, e as transformações porque essas classes passam historicamente. Estamos nos referindo a questões referentes às desigualdades sociais, preconceito, etc., encontradas no discurso literário. Essa espessura histórica, efeito do ideológico, está materializada na linguagem do discurso literário. A ideologia dominante em uma dada época, numa dada formação social está materializada no discurso literário, produzindo seus efeitos. É por este viés de leitura, que podemos afirmar que o efeito de sentido produzido pelo discurso literário do século XV e XVI, por exemplo, desloca sentidos religiosos, antes determinados pela literatura produzida na Idade Média. A questão é observar como um certo sentido é sustentado pelo funcionamento discursivo. No Romantismo, por exemplo, interessa compreender como o sentido romântico é construído por este discurso, pelo funcionamento deste discurso.

Ao tomar a palavra, o autor romântico já materializa este sentido e se significa no que ele diz. A estrutura de seu discurso já materializa estes sentidos. E não se trata apenas de uma análise gramatical (de encontrar adjetivos que marcam este discurso), trata-se antes de compreender que a organização mesma do discurso já remete a uma certa formação discursiva, que vai significar o discurso que será produzido. O discurso literário põe em funcionamento determinados sentidos e silencia outros. Essa é a natureza política dos sentidos, ou como diz Courtine (1982), por meio do discurso temos a textualização do político. Um discurso se constrói numa relação constitutiva entre o interdiscurso e o intradiscurso. O interdiscurso, por meio de filiações, realizadas por um gesto de interpretação do sujeito que produz o discurso, inscreve-se no intradiscurso para que este possa significar. Temos no discurso literário não uma continuidade evolutiva, cumulativa, linear, mas rupturas e retomadas à rede de sentidos, à memória discursiva.

Já no século XVII, o discurso Barroco reflete as tensões entre o religioso e o humano/terreno. Toda a materialidade desse discurso, o Barroco, evidencia esta tensão



ideológica. Dessa forma, podemos afirmar que o discurso literário pratica as ideologias que constituem uma certa formação social, interpelando os sujeitos e configurando a forma-sujeito histórica dominante, num dado momento histórico. Para nós, esta materialidade do discurso literário nos interpela, nos constitui, nos determina. De nossa perspectiva, a leitura do texto literário, filia-nos à(s) ideologia(s) que este discurso põe em funcionamento, num gesto de interpretação (ORLANDI, 1996) em que intervém a noção de ideologia enquanto prática. Enfim, de uma perspectiva materialista, a literatura determina a leitura que faremos do mundo, da formação social em que estamos inseridos. Os efeitos de sentidos produzidos pelo funcionamento do discurso literário podem ser “sentidos” em nós, sujeitos da linguagem.

Pelo discurso literário, temos a determinação de certos sentidos, constituídos numa relação com a memória discursiva, pois nenhum discurso é totalmente novo, o próprio domínio literário e todo o conjunto de outros discursos já ditos, anteriormente, e também os não-ditos, compõem essa rede de sentidos que estamos chamamos de memória discursiva. Todo discurso se constitui a partir de uma memória. Podemos dizer que a literatura é um processo discursivo em que a formulação/elaboração do que se diz resulta de um gesto de interpretação, realizado por um sujeito na posição de autor daquilo que se diz, determinado pela formação discursiva que se constrói simultaneamente ao/com o seu dizer – a noção de estilo. Ao produzir seu discurso o sujeito-autor não somente significa o que se diz, mas também se significa e significa ainda a própria formação discursiva de onde se diz. Os estilos literários seriam então formações discursivas nas quais os dizeres dos sujeitos-autores se inscreveriam para significar. Dessa forma, os sujeitos-autores produziram seus discursos, cujos sentidos seriam determinados por esta formação discursiva em que estão inscritos. Teríamos nos estilos literários os espaços de regularidades dos discursos que seriam produzidos naquele dado momento, de forma que não se pode dizer qualquer coisa, de qualquer jeito, em relação a um determinado estilo literário, que no caso, estamos os entendendo enquanto formações discursivas. O discurso literário, portanto, assim como qualquer outro discurso, não é produzido aleatoriamente. Devemos buscar nos estilos literários, que aqui estamos propondo que os consideremos enquanto formações discursivas, as



regularidades dos discursos produzidos dentro de uma certa época, para usarmos um conceito de Foucault. A noção de formação discursiva não se constitui enquanto um bloco fechado, homogêneo de enunciados, mas como sendo formada por enunciados dispersos, divergentes... Cada estilo literário constitui-se, então, em uma discursividade literária, em que teríamos uma materialidade linguístico-histórica específica, significando ou ressignificando a língua, os fatos e as coisas a partir de condições de produção próprias.

Os estilos literários/as discursividades literárias têm uma materialidade linguístico-histórica, em que a própria escrita desse discurso, é efeito de sentido, produzido pela relação entre a língua e a exterioridade que se materializa de uma certa forma, resultando em um discurso – o literário – que tem sua espessura histórica e que vai se significar de uma certa maneira. Não é qualquer sentido que será produzido com um certo discurso. Os sentidos são determinados historicamente e, no caso da literatura, enquanto uma prática discursiva, teremos a sociedade, os sujeitos, o Estado sendo significados de uma certa maneira por este discurso. O literário/artístico já é efeito de sentido produzido por este discurso. Ou seja, para significar este discurso precisa se inscrever na memória discursiva, constitutiva do que e como será dito este discurso. O emprego de uma linguagem figurada neste discurso constitui um efeito de sentido que poderá ser analisado na sua materialidade linguístico-histórica, não se tratando, portanto, de uma intenção ou de recursos linguísticos escolhidos pelo autor do texto. Podemos nos perguntar então que sentido literário é este, que efeito de sentido literário é este que vemos funcionando neste discurso?

Para a Análise de discurso, é fundamental promover a articulação entre a língua e a exterioridade, visto que a primeira não funcionaria por si mesma, ela não é um sistema fechado, como já colocamos aqui. Ao falarmos, escrevermos ou manifestarmos de qualquer maneira que seja, por meio de qualquer linguagem, estaremos produzindo discursos. Por outro lado, não nos manifestamos pela linguagem de forma natural ou livre de qualquer efeito que seja. A própria materialidade significativa por si só já significa de uma certa maneira. A ideologia materializa-se na língua. Como nos diz Pêcheux, “não há discurso sem sujeito, não há sujeito sem ideologia”.



Falar de literatura pelo viés discursivo, consiste, então, em observar o modo de articulação entre a língua e a ideologia para descrevermos os efeitos de sentidos produzidos por esta relação. A literatura é um discurso que se realiza na base material da língua. A língua, enquanto uma estrutura fonológica, morfológica, sintática fornece a base para a realização dos discursos. E a literatura, enquanto um discurso que é, se realiza de um modo muito particular, tendo uma espessura histórica e ideológica que se materializa na língua. O uso de uma certa figura de linguagem, de um certo vocabulário, de um certo esquema de rima, de uma certa metrificação não é indiferente para a Análise de Discurso, pois o que se pretende, ao analisar um discurso, é descrever o seu funcionamento, ou seja, é descrever o sentido (ou os sentidos) que este discurso põe em funcionamento ao ser produzido. Estamos falando do caráter material do sentido. Certas marcas não são inerentes a um certo discurso, mas constituem a sua materialidade específica. Importa, então, descrever a constituição, a formulação e a circulação dos sentidos que são postos em funcionamento por um certo discurso.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como conclusão deste artigo, queremos enfatizar a leitura materialista que fizemos ao refletir sobre a língua e a literatura. Buscamos nos desviar do objetivismo abstrato e do subjetivismo idealista (PÊCHEUX, 1981) que norteiam os estudos da língua, presentes na ciência linguística, bem como também procuramos nos deslocar do subjetivismo/expressivismo que determina os estudos dos fenômenos literários. De nossa parte, apresentamos uma proposta de estudo em que se considere a literatura enquanto uma prática discursiva que se realiza nas bases materiais da língua. Defendemos nesse artigo que língua e discurso não devem ser estudados separadamente, pois eles se constroem mutuamente para fazer/produzir sentido. É o funcionamento ideológico da língua (sua materialidade) que nos interessa observar na descrição/interpretação do discurso. É a relação constitutiva entre a língua e sua exterioridade (história e ideologia), materializada no discurso literário, que buscamos descrever neste artigo.



Procuramos mostrar que o funcionamento do discurso literário sustenta um certo sentido, sob a evidência subjetiva que lhe transparece. A ideologia apaga o processo de constituição, de determinação do sentido e do sujeito. O discurso literário tem seu lugar dentro de nossa sociedade, e isso parece-nos ser um tanto óbvio, mas o que não é tão óbvio assim é justamente o seu funcionamento político e ideológico na própria constituição dessa sociedade, de seus sujeitos, do Estado. O discurso literário disponibiliza determinados sentidos para a sociedade, num gesto de leitura realizado pelos literatos, autoridades que legitimam tais sentidos.

Portanto, a literatura não é apenas um domínio disciplinar, ela, de uma perspectiva discursiva materialista, constitui-se em um lugar de produção de sentidos, isto é, o seu funcionamento discursivo trabalha a divisão social dos sentidos, conforme Pêcheux (1994).

Para finalizar, nossas análises também pretenderam mostrar que os estilos literários são discursividades literárias e que na constituição destes estilos, teremos a língua funcionando diferentemente, efeito ideológico inscrito na língua, materializando sentidos, produzindo sentidos específicos.

## REFERÊNCIAS

COURTINE, J. J. *Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse de discours*. Langages, Paris: Larousse, 60, p. 9-127, 1982.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil*. Revista LETRAS n° 27 julho/dezembro de 2003 (Espaços de circulação da linguagem), ISSN 2176-1485, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

FOUCAULT. Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT. Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1997.





- FRAGOSO, É. A. *A Relação entre Língua (Escrita) e Literatura (Escrita) na Perspectiva da História da Língua no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: IEL/UNICAMP, 2001.
- GADET, F. e PÊCHEUX, M. *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.
- GADET, F. e PÊCHEUX, M. *A língua inatingível – o discurso na história da linguística*. Tradução: Bethânia Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello, Campinas, SP: Pontes, 2004.
- INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas, SP: editora da Unicamp, 1997.
- ORLANDI, Eni P. *Michel Pêcheux e a Análise de Discurso*. Revista Estudos da Língua (gem), nº 1, p. 9-13, junho 2005, Vitória da Conquista.
- ORLANDI, Eni P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso – princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, M. *Ouverture du colloque*. In: CONEIN, B. et al. (org.). *Matérialités Discursives*. Université Paris X – Nanterre. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1981, p. 15-18.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou funcionamento*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.
- PÊCHEUX, M. *Ler o arquivo hoje*. In: ORLANDI, Eni P. (org.) *Gestos de leitura – da história no discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Bras. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.
- ROURE, Glacy Queirós de. *Criança-objeto: entre o desejo e o gozo*. Tese de doutorado, defendida na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, pelo Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, Campinas, SP, 2002.